

A propósito da hospitalidade em Minas Gerais

On the subject of hospitality in Minas Gerais

Sobre la hospitalidad en Minas Gerais



Gefferson Ramos Rodrigues 

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

DATAS

Recebido: 14/08/2025

Aprovado: 28/12/2025

EDITADO POR

Mirian Rejowski

RESUMO

No Brasil do século XIX, Minas Gerais foi a Província que mais recebeu viajantes estrangeiros. Esse aspecto faz de Minas um lócus privilegiado para se estudar o tema da hospitalidade. Os estrangeiros que a visitaram nesse período foram unânimes em admitir a boa recepção dos moradores. Com base na análise do relato de 14 viajantes, relativos ao período de 1808 a 1885, objetiva-se nesse ensaio questionar a “hospitalidade mineira” e destacar algumas diferenças na recepção aos estrangeiros. Mesmo com o reconhecimento da boa acolhida de seus anfitriões, alguns dos visitantes reclamaram de uma espécie de “excesso de hospitalidade”. Um dos resultados que a análise alcança é o de que a forma com que os moradores recebiam os estrangeiros, muitas vezes, excedia a expectativa do visitante e gerava incômodos. A conclusão é a de que a hospitalidade também continha muitos elementos de inhospitalidade e, em alguns casos, até mesmo de hostilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade, hostilidade, viajantes, Minas Gerais.

ABSTRACT

In 19th-century Brazil, Minas Gerais was the province that received the most foreign travellers. This aspect makes Minas a privileged locus for studying the theme of hospitality. Foreigners who visited during this period were unanimous in acknowledging the warm welcome they received from the locals. Based on an analysis of the accounts of 14 travellers from the period between 1808 and 1885, this essay aims to question the concept of “Minas Gerais hospitality” and highlight some differences in the reception given to foreigners. Even though they acknowledged the warm welcome they received from their hosts, some visitors complained of a kind of “excessive hospitality”. One of the findings of the analysis is that the way in which residents welcomed foreigners often exceeded visitors' expectations

KEYWORDS

Hospitality, hostility,
travelers, Minas Gerais.

and caused discomfort. The conclusion is that hospitality also contained many elements of inhospitality and, in some cases, even hostility.

RESUMEN

En el Brasil del siglo XIX, Minas Gerais fue la provincia que más viajeros extranjeros recibió. Este aspecto convierte a Minas en un lugar privilegiado para estudiar el tema de la hospitalidad. Los extranjeros que la visitaron en ese período coincidieron en reconocer la buena acogida de los habitantes. Basándose en el análisis de los relatos de 14 viajeros, relativos al período comprendido entre 1808 y 1885, el objetivo de este ensayo es cuestionar la «hospitalidad mineira» y destacar algunas diferencias en la acogida a los extranjeros. A pesar del reconocimiento de la buena acogida de sus anfitriones, algunos de los visitantes se quejaron de una especie de “exceso de hospitalidade”. Una de las conclusiones a las que llega el análisis es que la forma en que los residentes recibían a los extranjeros a menudo superaba las expectativas de los visitantes y les causaba molestias. La conclusión es que la hospitalidad también contenía muchos elementos de inhospitalidad y, en algunos casos, incluso de hostilidad.

PALABRAS CLAVE

Hospitalidad, hostilidad,
viajeros, Minas Gerais.

Numa viagem é preciso acostumar-se ao gênero de vida do país que se percorre...

(Conde de Suzannet. *O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957, p. 128.)

1 Introdução

Os viajantes que estiveram em Minas Gerais no século XIX foram unânimes em admitir a boa recepção dos moradores. Tãmanha acolhida leva a pensar se essa receptividade teria sido de maneira generalizada ou se havia alguma diferença no tratamento dispensado ao estrangeiro. Admitindo essa possibilidade, o artigo questiona a propalada “hospitalidade mineira” e procura enfatizar algumas nuances na recepção de viajantes que excursionaram pela Província ao longo do oitocentos.

Ao se ocupar da maneira como os moradores receberam os estrangeiros em Minas, o ensaio se alinha à História Cultural ou à Nova História Cultural, que busca se aproximar da Antropologia, na medida em que se volta para temas do cotidiano e a manifestação de grupos, muitas vezes, anônimos, em suas expressões como festas e crenças heterodoxas. “Em resumo: a nova história cultural revela uma especial afeição pelo informal” (Vainfas, 2002, p. 56-57). São manifestações desse tipo que se procura enfatizar aqui.

Os estrangeiros aqui tratados percorreram Minas entre os anos de 1808 e 1885 e o corte cronológico não é fortuito; a data inicial se relaciona à chamada “Abertura dos Portos às Nações Amigas”, que permitiu a entrada de estrangeiros, antes proibida, e, a partir daquele momento, passava a ser até mesmo incentivada. A maioria dos viajantes esteve na Província na primeira metade do século XIX – exceção feita apenas ao engenheiro James Wells em 1885, considerado um viajante extemporâneo.

O interesse por Minas não era por acaso e, em grande medida, se relacionava à exploração mineral, situação em que o ouro de fácil extração dava mostras de esgotamento e havia a necessidade de empregar técnicas mais modernas, industriais, para arrancar o metal das profundezas da terra. Isso ajuda a explicar o fato de grande parte dos viajantes ser formada de engenheiros e mineralogistas, mas também de cientistas, naturalistas e alguns poucos aventureiros, com interesses, às vezes, difusos, mas quase todos interessados no tema da mineração. Seus relatos, portanto, embora tivessem um interesse econômico – muitas vezes, encoberto – tratavam de temas variados como a natureza, a paisagem, a questão de gênero, entre outros, o que incluía a hospitalidade. A maioria dos viajantes excursionou pela região central da Província, onde se encontrava as grandes áreas de extração mineral e alguns poucos alcançaram áreas mais remotas como o sertão. Em uma primeira clivagem – que não se pretende definitiva – ingleses e alemães tinham interesses mais econômicos, ao passo que, franceses possuíam objetivos mais intelectuais (Leite, 1996).

A hospitalidade baseada no sistema da dádiva é característica de uma hospitalidade genuína, doméstica – diferente de uma hospitalidade encenada, paga, típica do sistema turístico (Gotman, apud: Camargo, 2011, p. 34). A hospitalidade é aqui entendida como “um conjunto de leis não escritas que serve como referência para a vida social” (Camargo, 2011, p. 28). Esse conjunto de valores compreende ainda um ritual e, do mesmo modo que a dádiva está estruturada em prestações e contraprestações de serviços, a hospitalidade envolve o acolher, hospedar, alimentar e entreter (Camargo, 2011). As leis não escritas da hospitalidade valem para os dois lados envolvidos: hóspede e anfitrião (Camargo, 2011), não sendo reservadas a todos indistintamente e delas estavam excluídos todos aqueles que não faziam parte de uma certa elite (Grassi, 2011).

Dada a variedade de assuntos abordados nas viagens, foi privilegiado o tema da hospitalidade e os textos foram lidos como “pré-etnográficos”. A Antropóloga Ilka Boaventura Leite, que analisou os relatos dos viajantes sobre escravizados e libertos em Minas, considera que o texto do viajante é um “gênero próprio” que continha diários, memórias, testemunhos, depoimentos, relatos históricos e ficcionais e que produziam, dessa forma, “representações sociais” (Leite, 1996, p. 14). Trata-se, portanto, de uma representação sobre o outro e os escritos dos europeus estão eivados de preconceitos, discriminação, racismo que precisam ser problematizados, mas, sob essa perspectiva, não devem ser totalmente invalidados. Isso significa dizer que eles podem ser lidos “enquanto veículo de expressão ou manifestação de uma cultura, enquanto tentativa de interpretar e entender o Outro.” (Leite, 1996, p. 22).

Feitas essas considerações, a leitura inicial dos textos dos viajantes foi panorâmica, somente de modo a identificar as situações em que a hospitalidade emergia. Pelo próprio caráter da literatura de viagem, ocasiões como essa aparecem abundantemente. Por essa razão, em uma segunda leitura, mais acurada e orientada pela literatura pertinente discutidas nos tópicos a seguir, buscou-se destacar alguns aspectos em que os elementos mais evidentes da hospitalidade apareciam, quais sejam: encontros, lugares, estranhamentos, rituais, excessos e hostilidades que envolvem as relações entre hóspedes e anfitriões.

2 Hospitalidade na perspectiva de viajantes estrangeiros

Ainda que neste texto se esteja buscando traçar distinções na recepção de alguns dos viajantes e cientistas que passaram pela Província de Minas, deve-se registrar o caráter único da experiência do transeunte. O naturalista inglês radicado na França, Conde Castelnau, por exemplo, ao passar pela capital da Província nos anos 1843-1844, onde foi recebido pelo governador, disse: “só podemos conservar agradável recordação dos habitantes de Ouro Preto, que sob muitos aspectos nos pareceram mais adiantados do que os da maioria das cidades do Brasil” (Castelnau, 2000, p. 123). Em flagrante diferença, Freyreiss, naturalista alemão, ao passar pelo mesmo lugar (1814-1815), não experimentou essa mesma sensação:

A permanência em Vila Rica tem muito de desagradável para o estrangeiro. Nenhuma sociabilidade aí se encontra e nenhum lugar talvez haja onde exista mais calúnia do que aqui, apesar dos seus 10.000 habitantes. É necessário conhecer bem os costumes exteriores da vida, da religião, etc., para viver bem com a população (Freyreiss, 1982, p. 132).

Como se pode ver, dois viajantes, de condição social similar, poderiam visitar um mesmo lugar e ter percepções absolutamente distintas.

Na literatura especializada, uma das principais abordagens sobre a hospitalidade é baseada na obra de Marcel Mauss em seu célebre “Ensaio sobre a dádiva” (1923-1924). Estruturada no tripé: dar, receber, retribuir, a dádiva era o sistema em que estava organizada as trocas em comunidades tradicionais antes do advento do comércio (Camargo, 2011; Perrot, 2011). Uma relação assimétrica por natureza e um gesto ambíguo por essência, a hospitalidade é ao mesmo tempo sagrada (baseada na crença existente em diversas sociedades de que os deuses descem a terra para testar a hospitalidade dos mortais) e profana (não constitui um gesto gratuito, mas sempre sob condição) (Grassi, 2011).

2.1 Cenas de hospitalidade

O mineralogista inglês John Mawe, ao andar por Minas nos anos 1808-1809, foi capaz de dizer: “Não encontrei em nenhuma parte do Brasil sociedade mais escolhida e mais agradável” (Mawe, 1978, p. 227). Anos mais tarde, o alemão Wilhelm Eschwege, geólogo, viajante residente em Minas entre os anos 1810 e 1821, viu na hospitalidade não uma característica típica do lugar, mas de todo o Brasil. “Na verdade, o certo é que a hospitalidade é exercida em elevado grau e é a virtude brasileira que sobrepuja a de todas as outras nações” (Eschwege, 1996, 249). Saint-Hilaire, naturalista francês, confirmou essa impressão em 1822: “Fomos recebidos pelo administrador, que nos tratou com as maiores atenções” (Saint-Hilaire, 1974, p. 110), enquanto o inglês Charles Bunbury (1833-35), outro naturalista, ao ser recebido por um certo Sr. Luís Soares, capitão de Milícia, disse que foi tratado “com a mais extrema cortesia” (Bunbury, 1981, p. 119).

Os exemplos poderiam se multiplicar e ser estendidos não apenas à Minas Gerais, mas a outras partes do Brasil. Tanta receptividade nem sempre se passava ao acaso, pois muitos cientistas viajavam com carta de recomendação de autoridades e, nessa condição, não era difícil encontrar abrigo.

O Conde Castelnau, naturalista inglês que viajou por Minas nos anos 1843 e 1844, era portador de um desses documentos e, ao alcançar Sabará, referiu-se à facilidade com que encontrou um lugar para ficar. Ao chegar na cidade conseguiu a casa “do mais importante morador dali”, o barão de Sabará, a quem atribuiu uma hospitalidade “perfeitamente feudal” (Castelnau, 2000, p. 124). Na sequência ainda comentou,

Sirvo-me desta expressão, porque havia maior analogia entre a sua situação e a que ocupava a nobreza na Idade Média. Goza ele de extraordinária influência, tanto pela sua fortuna pessoal, como por ser o comandante de todas as milícias. Levando ao extremo a imitação dos tempos antigos, fez questão de nos fazer servir à mesa pelos três filhos (Castelnau, 2000, p. 124).

A observação de Castelnau merece destaque. A Europa do século XIX se encontrava em plena Revolução Industrial, assistia à disseminação de albergues, que passavam a cobrar pelas estadas, substituindo o costume de se oferecer estada doméstica, característica desde a Idade Média. No medievo, a prática era disseminada em razão das grandes peregrinações aos lugares sagrados e oferecer acolhida ao estrangeiro era algo comum (Camargo, 2008). Ademais, a hospitalidade medieval era essencialmente familiar, situação em que o anfitrião, normalmente um aristocrata, recebia com a sua mulher e filhos o hóspede recém-chegado (Roussel, 2011). Castelnau via em Minas algo que se encontrava em franco desaparecimento na Europa.

Já o inglês John Mawe anotou no livro sobre sua passagem em 1808-1809: “Após ter passado o lugarejo de São Sebastião, chegamos tarde à Borda do Campo, aldeia de vinte casas, cuja melhor é a do Capitão Rodrigo de Lima, que nos deu hospitalidade, ao saber que éramos” (Mawe, 1978, p. 224). A receptividade mineira ganhou uma síntese feita pelo alemão Hermann Burmeister que, em 1851, descreveu uma espécie de “tipo social” do mineiro. Segundo ele:

Excetuando os pequenos defeitos característicos apontados, só se pode louvar as suas qualidades de boa índole. São atenciosos e prestimosos para com todos; sua hospitalidade é proverbial e seu interesse pelo próximo sempre vivo. Por ocasião e ainda depois do meu acidente,¹ tive ensejo de observar esse traço do seu caráter: não só atendiam a todos os meus pedidos, mas também o desejo de ajudar e auxiliar era tão manifesto que somente me podia comover (Burmeister, 1976, p. 151-152).

O “mineiro” descrito por Burmeister, geólogo de formação, não era um morador comum, mas alguém da elite; em seu relato ainda registrou:

¹ Karl Hermann Konrad Burmeister, que também tinha formação em Paleontologia e Zoologia, em sua passagem por Minas, acabou se acidentando em Lagoa Santa, levando-o a permanecer no lugar por cinco meses. Nesse período ficou hospedado na casa do Naturalista e Paleontólogo dinamarquês Peter Lund, considerado o pai da Paleontologia no Brasil.

mas o mineiro é extremamente comunicativo e social e passa no convívio bastante constante com seus compatriotas, nas ruas e nas esquinas. Gosta de receber visitas, embora não dê festas em casa, contando com a visita espontânea dos amigos. Os fazendeiros, que vivem um tanto afastados do mundo, sempre se rejubilam com o receber e acolher visitas e, quando a pessoa que os procura é de certo destaque, desdobram-se em atenções (Burmeister, 1976, p. 152).

O interessante a se notar tanto na recepção de Mawe, quanto na de Burmeister é que eles só foram bem recebidos, no primeiro caso “ao saber quem éramos” (Mawe, 1978, p. 224) e, no segundo caso, “quando a pessoa que os procura é de certo destaque”, os seus anfitriões se “desdobram-se em atenções” (Burmeister, 1976, p. 152). A hospitalidade, dessa maneira, pode conter gestos de inhospitalidade quando o anfitrião deixa no seu convidado a impressão de que ele é bem recebido em sua casa “por sua notoriedade” (Camargo, 2011, p. 25).

O mineiro típico descrito pelo cientista alemão faz supor que apenas as pessoas mais abastadas é que ofereciam uma hospitalidade genuína; os pobres, pelo contrário, embora nada pedissem pela estada, sempre tinham a expectativa de receber algo em troca. “As pessoas de posse nunca aceitam paga pela hospitalidade oferecida; os pobres nada exigem, mas esperam um presente” (Burmeister, 1976, p. 152).

Uma leitura atenta dos relatos mostra que mesmo os mais prósperos se interessavam em receber o estrangeiro e não significava que fossem pessoas desprovidas de interesses, materiais, inclusive.

Os estrangeiros, geralmente denominados ‘ingleses’, são considerados muito ricos, tendo por isso ótima recepção e toda sorte de cuidados por parte da população. A riqueza é para o mineiro fato de grande importância e muito impressiona, sendo o seu respeito tanto maior quanto maior for a ostentação. (Burmeister, 1976, p. 152)

Charles Bunbury, naturalista inglês, ao ficar na casa de um homem rico (1833-1834), anotou:

Nosso amigo brasileiro nos recebeu com muita cortesia; mas apesar de ser ele um dos homens de mais destaque na província, sua casa deixava muito a desejar em matéria de ordem e conforto, para não falar em luxo, e suas maneiras eram mais cordiais do que polidas. Era um homem de certos conhecimentos; lia o francês, se bem que não o falasse; tinha alguns livros sobre Mineralogia e conhecia até certo ponto esta ciência. (Bunbury, 1981, p. 120)

O comerciante, também inglês, John Luccock, por outro lado, ao se hospedar na residência de um homem – “pobre”, segundo ele –, escreveu sobre sua experiência nos 1817-1818:

Conquanto desertas as cercanias em redor todo e a pessoa exigente parecesse rústica a habitação do meu hospedeiro, provou, José Correia Pinto que nela não havia deficiência de conforto. Ao jantar viam-se à mesa inúmeras provisões sólidas e vários artigos de luxo que acresciam seu valor intrínseco pela dificuldade de as obter e transportar tão longe. Além de muita prata e louça inglesa, tínhamos rosca da cidade, cerveja inglesa engarrafada e bom vinho do Porto servido em cangirões de cristal lapidado. No decorrer

da jornada toda, meu guia se portara para comigo de maneira mais atenciosa e polida possível e agora coroava seu comportamento com cordial hospitalidade (Luccock, 1975, p. 216).

Em resumo, hospedar-se na casa de uma pessoa rica não era garantia de boa acolhida e, pelo contrário, hospedar-se na casa de pessoa pobre, não era certeza de má recepção. De todo modo, independente da condição social, a hospitalidade nunca era um gesto gratuito, e sempre que ela é oferecida, espera-se algo em troca, seja no plano terreno, seja no plano divino (Grassi, 2011).

2.2 Lugares de hospitalidade

Boa parte dos lugares onde os estrangeiros se hospedaram foi em casas de particulares, ou seja, receberam uma “hospitalidade doméstica”.

Em 1885, o engenheiro inglês James Wells, ao ser recepcionado em Santa Quitéria, na residência de um certo Inácio, ouviu: “Ah! Senhor Doutor, o senhor veio ter à casa de um homem pobre, mas do que tivermos aqui o senhor pode dispor com todo o prazer” (Wells, 1995, p. 159).

A passagem dos viajantes em alguns lugares, pode dar a impressão de que em Minas houvesse, já em princípios do século XIX, um serviço especializado para receber o visitante. O botânico escocês George Gardner (1839-1841) falou em: “como de hábito acomodamo-nos no rancho público, pois não havia coisa melhor na aldeia” (Gardner, 1975, p. 141). Em outro exemplo, Saint-Hilaire diz ter ficado em uma hospedaria em Catas Altas de Mato Dentro onde passou a noite e jantou. Na realidade, o viajante francês não foi muito preciso, pois se referiu a esse mesmo local também como um albergue (Saint-Hilaire, 1974, p. 86). A “Hospedaria” era, na definição do Dicionário de Antônio de Moraes Silva, “casa de agasalhar hospedes” (Silva, 1789, v. 2, p. 121) enquanto “Hospedagem” é aquilo “que se dá gratuitamente, ou por dinheiro” (Silva, 1789, v. 2, p. 121). Quanto a Albergue, Moraes Silva referiu-se à etimologia do termo aludindo à sua origem árabe – “*berge* com o seu antigo *al*” – ou alemã – “*herbergen*” (grifos no original). O vocábulo correspondia ao mesmo que “Hospício”, “hospital”, “Casa de pousar”, “pousadas estalagens”. O dicionarista cita ainda trecho das Ordenações Afonsinas onde se diz “nom ha albergues alugados como nas outras terras”, fazendo supor que o seu caráter não fosse exclusivamente gratuito. Ou seja, os viajantes ficaram em lugares onde eles poderiam pagar ou não pela acolhida (Silva, 1789, v. 1, p. 80-81).

A imprecisão na definição do tipo de lugar em que se hospedou o viajante persiste no registro de Luccock:

Numa **fazenda**, a respeito de cujo nome havia certo desacordo e em que fixáramos nosso próximo encontro, ficamos mal satisfeitos com as acomodações, pois ali não havia **Ranchos** e as gentes estavam evidentemente desacostumadas com a vista de estrangeiros. Como pessoa que falava idioma diverso e dava ao deles acento diferente, tornei-me um pouco objeto de curiosidade e muita gente se juntou em redor da

cabanazinha de que fizéramos nossa residência temporária (Luccock, 1975, 213). (grifo nosso)

O francês Conde de Suzannet, em 1841, também não ajuda muito a saber qual era, afinal, o tipo de lugar em que se estabeleceu:

Hospedei-me numa **venda** afamada como uma das melhores da estrada; na verdade, arranjei um quarto onde sobre alguns paus cruzados estenderam uma esteira; o proprietário estava convencido que o seu **albergue** era dos mais confortáveis e que eu era muito feliz em compartilhar de todas essas delícias. (Suzannet, 1957, p. 127). (grifo nosso)

A passagem do Conde se deu na localidade de Padre Correia, no caminho entre Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em um mesmo trecho de sua narrativa, Suzannet, cuja viagem tinha um caráter muito mais pessoal que científico, se refere a um mesmo lugar de duas maneiras diferentes, como fez Saint-Hilaire e Luccock.

Venda é “Taverna onde se vende” (Silva, 1789, v. 2, p. 839). A fazenda era efetivamente, “terras de lavoura, ou de gado” (Silva, 1789, v. 1, p. 16), enquanto rancho “A divisão em que se ajuntão, dormem e comem os da mesma camarada” assumindo também o sentido de “Casa, ou tenda movível que se faz pelos caminhos” (Silva, 1789, v. 2, p. 550), ao passo que, cabana é “Choupana, casa rústica de pastores, pescadores” ou “Choupanas, em que estão regateiras de frutas” (Silva, 1789, v. 1, p. 309).²

Apesar da imprecisão dos viajantes em identificar exatamente o lugar onde ficaram, destaca-se que eles se estabeleceram provisoriamente em espaços informais desfrutando de uma hospitalidade doméstica, e foi a partir desses lugares que se teria construído uma “tradição de acolhimento pelas terras mineiras”, como o rancho em que se hospedara Saint-Hilaire (Menezes, 2017, p. 311). Os espaços formais, como as hospedarias, albergues e estalagens abundavam em queixas quanto as suas péssimas condições de recebimento (Menezes, 2017).

Nas fazendas, cabanas e choupanas os viajantes podiam desfrutar de uma hospitalidade gratuita ou paga, mas, a preços tão irrisórios que, como se verá, muitos se recusavam a acreditar que estivessem de fato pagando pelo serviço.

2.3 Estranhamento do estrangeiro

Não seria difícil imaginar o impacto que causava aos moradores de uma determinada localidade a entrada nas vilas, lugares e arraiais de uma comitiva com a presença de um estrangeiro. Eles eram facilmente identificáveis. Segundo Saint-Hilaire, ao adentrar na Hospedaria em Catas Altas de Mato Dentro: “Por toda a parte onde tínhamos parado, havíamos despertado curiosidade geral. Já no Paraíba, as pessoas da região que, pela aparência, eram gente de

² O autor traz ainda o significado de “Cabaneira”, ou seja, “Meretriz, que corre de cabana em cabana”, “Mulher que vive em cabana”. (Silva, 1789, v. 1, p. 309).

importância, nos tinham rodeado, e enchiam-no de perguntas” (Saint-Hilaire, 1974, p. 85) James Wells, se viu diante de situação semelhante ao chegar no arraial de Contendas, em pleno sertão:

Durante nossas perambulações, tínhamos sido acompanhados por todos os moleques [menino de cor] do arraial, que ouviam com olhos esbugalhados e boca aberta nossa conversação em inglês. Não acredito que nenhum único detalhe de nossa aparência tenha escapado à sua observação e comentários; eles corriam adiante e em volta de nós, como os meninos de aldeia na Inglaterra seguem uma caravana de circo que acabou de chegar (Wells, 1995, p. 175).

Em todo o Brasil, um dos lugares mais percorridos pelos viajantes estrangeiros foi, sem dúvida, Minas Gerais. A passagem do Conde de Suzanet por Salto Grande no ano de 1844 dá a entender que, em alguma medida, a população estivesse acostumada com a visita desses homens. “As autoridades pensaram com certeza que eu vinha em alguma missão de exploração e receberam-me com grande pompa, indicando a casa que eu devia ocupar” (Suzanet, 1957, p. 130).

Segundo o alemão Burmeister, o viajante em Minas era quase sinônimo de inglês: “Os estrangeiros, geralmente denominados ‘ingleses’” (Burmeister, 1976, p. 152). Os viajantes, sempre em busca do registro daquilo que consideravam pitoresco, em algumas situações, acabavam por se tornar exóticos aos olhos daqueles que os recebiam.

e as gentes estavam evidentemente desacostumadas com a vista de estrangeiros. Como pessoa que falava idioma diverso e dava ao deles acento diferente, tornei-me um pouco objeto de curiosidade e muita gente se juntou em redor da cabanazinha de que fizéramos nossa residência temporária (Luccock, 1975, p. 213).

Com John Mawe também não foi muito diferente e segundo ele, “Recebi muitas visitas dos aldeões”, pois

a notícia da chegada de um inglês despertara a sua curiosidade. Alguns tinham oitenta anos de idade, e como habitassem esse lugar há mais de cinquenta, estavam em condições de dar informes curiosos sobre o país, assim como sobre os progressos e a decadência das minas (Mawe, 1978, p. 226).

Ao se depararem com as populações dos lugares que percorriam, os viajantes só conseguiam enxergá-las como fontes de informação, dificilmente poderiam imaginar que elas mesmas também pudessem ser “sujeito de conhecimento”. Segundo Miranda (2009, p. 638), “o observador europeu parece perturbado e recusa a possibilidade de seu observador produzir alguma forma de saber a seu respeito.”

Ao adentrar em comunidades alheias, o estrangeiro é visto, quase sempre, como um inimigo em potencial; ele se situa entre a hostilidade e o acolhimento quando se insere em um novo grupo e nesse momento, por meio da hospitalidade, passa por um processo em que uma

condição antiga é abandonada e uma nova é alcançada (Pitt-Rivers, 2012). Isso não acontecia, entretanto, sem que antes houvesse uma série de rituais.

2.4 Rituais da hospitalidade

A hospitalidade compreendia alguns rituais que envolve: palavras, gestos, comidas, bebidas, banhos, a identificação do indivíduo, festas, troca de presentes, oferta de escoltas, entre outros, nem todos explorados aqui, conforme foram estudados por Létoublon (2011) para a Grécia arcaica. No limite dessas páginas interessa destacar os rituais que se davam por ocasião dos encontros e despedidas. Esse conjunto de rituais cumpre o papel de transferir o estrangeiro, “um potencial inimigo”, “para o *status* de amigo” (Létoublon, 2011, p. 353), ou, como preferiu Pitt-Rivers (2012), evocando a áurea sagrada que muitas vezes envolve a figura ambígua do estrangeiro, constitui um processo de secularização do visitante, transformando-o em hóspede.

2.4.1 Ritos de recepção

Um precedente necessário ao viajante quando visitava comunidades rurais, muitas vezes, desprotegidas, era anteceder a chegada pelo “Ó de casa”, até ser atendido pelo “Ó de fora”, expressões empregadas de modo a evitar surpresas indesejadas³. Esse tipo de situação se passava para que a agregação fosse feita por etapas (Gennep, 2011). Foi assim que aconteceu com o engenheiro James Wells (1873) em sua passagem pelo sertão, quando à noite chegou na casa de uma pessoa sobre a qual tinha informações a respeito:

Gritei, ‘Ó de casa’, e logo se ouviu uma resposta ao longe ‘Ó de fora’. ‘Ó Senhor Ignácio, eu me perdi: por favor me mostre o vau com uma luz’. Uma luz apareceu a alguma distância e, prosseguindo em sua direção, encontrei o velho de pé junto à passagem; depois de atravessar, expliquei brevemente como eu não tinha conseguido encontrar a estrada. Sem mais uma palavra, o velho cavalheiro leva a mula para a sua porta, segura me estribo e pede que eu ‘apeie’ e ‘honre esta pobre morada com sua presença’. Bom esta é uma recepção muito generosa, pois o ar está muito frio e as estrelas, claras e brilhantes, como em uma noite de geada (Wells, 1995, p. 158).

Pelo avançar da hora, o viajante pediu para passar a noite solicitando apenas “um couro de boi junto ao fogo” ao que sua anfitriã, companheira do Senhor Ignácio, respondeu:

‘Ah! Senhor Doutor, o senhor veio ter a casa de um homem pobre, mas do que tivermos aqui o senhor pode dispor com todo prazer,’ disse a velha senhora, acompanhando suas palavras com outra reverência. O velho logo entrou, e depois de exprimir o prazer e a satisfação que sentia em poder abrigar-me, derramou-se em desculpas pela pobreza de sua morada, e depois, o que foi melhor, preparou-se para arranjar-me um jantar (Wells, 1995, p. 161).

³ A expressão serviu de título ao belo poema “Ô de casa!” de Cora Coralina, analisado por: (Passos & Rejowski, 2022, p. 375-394), sob o prisma da hospitalidade.

O ritual de recepção, por vezes, poderia incluir divertimentos, que aconteciam de maneira premeditada ou espontânea. Isso se dera com Saint-Hilaire que, ao passar por Brejo do Salgado, à beira do rio São Francisco, disse ele: “ensaiava-se mesmo, por ocasião de minha passagem, uma peça de teatro que deveria em breve ser representada” (Saint-Hilaire, 1974, p. 102). O austríaco Johan Emanuel Pohl – médico de formação, mas mineralogista e botânico por opção – ao assistir um batizado, viu-se impelido a participar dele quando, “O pai da criança veio buscar-me em traje de gala, espada de aço com faixa de seda rubro-anil à cinta, solenemente, com o resto do seu próprio séquito de convidados.” (Pohl, 1976, p. 182). Nenhum deles, entretanto, teve um rito de recepção mais caloroso que o do casal de cientistas Luis Agassiz e Elizabeth Agassiz em sua passagem por Juiz de Fora nos anos de 1865-1866:

À porta da propriedade, nosso anfitrião nos convidou a passar à frente do resto da cavalgada. Acedemos ao seu convite sem compreender muito o motivo. Mas logo o descobrimos, porque, mal transpusemos a entrada, a linda embarcação se aproximou da terra, deu uma salva em nossa honra e nos deixou ver o seu nome escrito em grandes letras: AGASSIZ. Foi uma encantadora surpresa preparada com enorme sucesso (Agassiz, 1975, p. 231-232).

Os rituais de recepção dos moradores de Minas oferecidos aos estrangeiros confirmam, em princípio, a boa acolhida e do mesmo modo que a dádiva está estruturada em prestações e contraprestações de serviços, a hospitalidade também envolve o acolher (receber), hospedar, alimentar e entreter (Camargo, 2011). O bom tratamento só era dispensado, no entanto, quando se “respeita as leis e os costumes da hospitalidade” (Létoublon, 2011) e esses ritos provam que os estrangeiros souberam cumpri-los.

2.4.2 Ritos de despedida

Os ritos de recepção, por vezes, utilizavam as mesmas fórmulas dos de despedida (Létoublon, 2011). Pode não ser motivo de surpresa que esses viajantes fossem bem recebidos nos lugares onde passavam, pois, como foi referido, eles portavam cartas de recomendação emitidas por autoridades e, às vezes, até mesmo pelo próprio rei. Castelnau, ao deixar Ouro Preto, registrou: “Ofereceu-nos o presidente da província um excelente jantar de despedida” (Castelnau, 2000, p. 123). Um dos estranhamentos que eles experimentavam, tanto no encontro, quanto na despedida, era o ato do abraço, atitude que os seus anfitriões reservavam não apenas a amigos, mas até mesmo a simples conhecidos (Freyreiss, 1982, p. 133). Os encontros e despedidas dos viajantes configuravam-se como uma espécie de espetáculo cênico, a exemplo do que sentiu Pohl: “Partimos domingo, 23 de novembro. Quando a caravana se pôs em movimento, reuniu-se toda a população do lugar; os homens vieram descalços, em camisa, calças de algodão, chapéu-de-palha na cabeça e rosário no pescoço” (Pohl, 1976, p. 182). Do mesmo modo que os ritos de integração aconteciam de maneira progressiva, os ritos de partida “têm como finalidade fazer com que a cisão não seja brusca” (Gennep, 2011, p. 29). Isso constituía um gesto de cortesia e era forma de expressar que

o anfitrião se sentia responsável por ele, de protegê-lo e, não proceder dessa maneira constituía uma infração à lei da hospitalidade (Pitt-Rivers, 2012, p. 514-516).

Uma pessoa que soube da passagem de Spix e Martius em 1818 pelo Brejo do Salgado e do apreço que tinham pela música fez questão de reunir-se a eles para um encontro musical e tocar um “quarteto”, mesmo que ela morasse a 20 léguas de distância do arraial.

Ao cabo de alguns dias, apareceu o moreno Orfeu das selvas, à frente da mais estranha caravana. Às costas de mulas, trazia ele uma viola, violinos, trombetas, estantes para música, e, como testemunha de sua dedicação, a mulher e os filhos. Dois de seus vaqueiros tocaram as partes secundárias, e, com alegre confiança, atacamos os mais antigos quartetos de Pleyel. Que mais alto triunfo podia celebrar o mestre do que exercer o poder de sua música aqui, no sertão americano? E, com efeito, o gênio musical pairava sobre a nossa tentativa, encantados era músicos e ouvintes, e tu, excelente melômano, João Raposo, viverás sempre na minha memória, com as tuas feições animadas por triunfante enlevo! (Spix e Martius, 1981, p. 209).

Quando Luccock preparava-se, mais uma vez, para partir rumo a um novo destino em sua viagem, chegou a duvidar se sua anfitriã deveria ser paga pela hospedagem, já que ela se mostrou muito relutante. Mesmo diante da insistência do viajante, o valor pago por ele era tão ínfimo “que afastava qualquer ideia de considerar-se como pagamento” (Luccock, 1975, p. 219).

Não me restava senão tomar conhecimento da cortesia da dama e muitos cumprimentos foram trocados entre nós ambos, acabando por me oferecer, à maneira de sua terra, um lindo ramo de flores. Um iniciado teria compreendido inúmeras coisas através dessa dádiva; fui eu porém obrigado a confessar minha ignorância da linguagem mística das flores e a sofrer da parte dela como de muitos outros que ali se achavam um sorriso bem humorado pela minha ingenuidade (Luccock, 1975, 218-219).

Tanto no encontro quanto na despedida do comerciante inglês, têm-se a demonstração da boa receptividade do viajante e a ele talvez tivesse passado despercebido o significado do gesto cortês de sua anfitriã, algo que não escapou aos seus companheiros de viagem. O ramo de flores oferecido poderia ser um galanteio, mas, era justamente por ocasião das despedidas é que havia a oferta de presentes (Létoublon, 2011, p. 358-359).

2.5 Hospitalidade sufocante

Os viajantes eram em geral bem recebidos e não tardou para que alguns deles passassem até mesmo a reclamar de uma espécie de excesso de hospitalidade. Pohl (1976, p. 182) disse: “Exalto grandemente a cortesia dos habitantes”. No entanto, mostrou-se enfadado de não poder passar diante de um capitão-mor sem poder tirar o chapéu, hábito reservado na Europa somente quando se passava diante das igrejas, mas, no Brasil, preferia se render ao ato, pois do contrário ocorre, “uma certa importunação que dela se origina.” (Pohl, 1976, p. 182.)

Luccock se referiu ao “sem número de obséquios para comigo” (Luccock, 1975, p. 212). Em uma determinada localidade, quando já se preparava para sair, chegou um cavaleiro com um

convite por escrito para que ele pernoitasse ou aceitasse jantar em uma casa, não muito distante, indicada pelo possível anfitrião. O inglês agradeceu o convite, recusou a oferta e seguiu viagem.

Nenhum dos viajantes parece ter passado por um “excesso de hospitalidade” quanto James Wells. Em Santa Quitéria, quando se preparava para dormir, foi surpreendido pelo anfitrião que lhe informou estar pronta a sua cama assim que quisesse se retirar, isto é, se é que ele podia “aceitar por uma noite a pobre acomodação de um sertanejo”, disse o Sr. Ignácio, o dono da casa. O inglês ficou surpreso com tamanha generosidade dele e de sua mulher, já que o casal de idosos oferecia a única cama do único quarto da casa; no lugar do hóspede eles se dispunham a dormir num couro de boi em volta de uma fogueira. Wells admitiu ter reunido “todos os... poderes de argumentação para protestar com energia contra tal arranjo”, agradeceu a cortesia, enrolou-se em sua manta e virou para o lado. Não satisfeito, o casal sentou ao lado e se colocou a velar o sono do viajante que quando começou a adormecer deu-se conta de que seus anfitriões ainda continuavam por ali. Impaciente, insistiu que os dois fossem para a cama, ao que retrucaram: ““Não, senhor! Não podemos dormir enquanto o nosso hóspede não tem uma cama para se deitar; só o faremos quando o senhor fizer o favor de aceitar a única que temos a oferecer; muito nos dói vê-lo dormir aí””. A partir desse momento o mal-humorado engenheiro inglês, descontente com aquela situação, insistiu: ““Meu Deus do céu! Meu bom homem, gostaria de não ter vindo; leve a senhora para dentro imediatamente, eu imploro””. Recebendo um não como resposta viu-se diante de situação embaraçosa. “Eis aqui um dilema, eu, jovem forte e saudável, desalojar o melhor casal de sertanejos que jamais conhecera e lhes obrigar a dormir nessa cerração fria e nesta atmosfera impregnada de neblina”. Diante da persistência de seus anfitriões, se deu por vencido:

Exclamo, imploro, faço-me de ofendido, mas o velho é irremovível e por fim consegue o que quer. Foi com uma pesada sensação de contrariedade e mesquinhez que ocupei a confortável cama, mas o velho casal estava tão firme em sua obstinação que não tive outro remédio senão seguir sua determinação (Wells, 1995, p. 160).

A partir de situações como essas se vê, de maneira muito clara, como a hospitalidade podia conter muitos gestos de inospitalidade (Camargo, 2011, p. 25).

2.6 Hostilidade

Embora os viajantes estrangeiros fossem, de uma maneira geral, bem recebidos onde quer que se estabelecessem, nota-se, em determinadas ocasiões, algumas situações que por muito pouco a hospitalidade não se degenerou em hostilidade. Ao chegar em Penha, Saint-Hilaire achou os moradores “indelicados”, malgrado os juízos de valor que emitiu sobre eles. A partir do momento em que começou a estabelecer um diálogo com as pessoas do lugar, ficou sabendo o motivo de sua recepção um tanto desconfiada. Havia estourado em Pernambuco a Insurreição de 1817 e, como o regimento de Vila Rica havia sido convocado para ajudar a reprimir o levante, os habitantes locais pensaram que ele estava ali para realizar um recrutamento. Desfeito o mal-entendido, eles “mostram-se mais atenciosos” (Saint-Hilaire, 1974, p. 92)

Pior sorte teve o francês quando esteve no arraial de Formigas, atual Montes Claros. Antes de chegar havia sido advertido das animosidades da localidade. Isso porque o viajante passou pelo infortúnio de ter parte dos seus pertences roubados. A situação o levou a fazer a seguinte consideração sobre o lugar:

Os habitantes de Formigas têm a pior das reputações no tocante à probidade. Antes de eu chegar tinham-me aconselhado por toda a parte a que não deixasse meus animais de carga na proximidade das casas para que não corressem o risco de serem roubados. Quase ao entrar na povoação o meu arriero, Silva, disse bem ao alto que eu viajava com um passaporte do rei, e que, se meus animais fossem roubados, não haveria perdão para os ladrões. Ninguém tocou nos burros; vários pequenos objetos, porém, nos foram subtraídos, o que até então não nos acontecera em lugar nenhum.

Ao longo de sua jornada, Luccock, ao pausar para almoço em uma casa no meio da viagem até o seu próximo destino, exatamente no instante em que se preparava para acomodar seu animal foi questionado por um proprietário que “disse me colérico”: “o senhor não pode parar aqui”. O motivo, segundo alegara o viajante, era o de que o proprietário questionara o fato de seus companheiros estarem ainda distantes dele. Quando “Estava para retrucar”, ele, o comerciante inglês, foi aconselhado por um criado de sua comitiva que lhe “preveniui uma altercação desagradável”. Segundo Luccock, “Foi esta, creio eu, a única incivilidade positiva que encontrei em Minas Gerais.” (Luccock, 1975, p. 215).

Como diversos estudiosos destacaram, hospitalidade e hostilidade possuem o mesmo radical e Jacques Derrida (2000, apud Lynch et al 2011, p. 12) propôs o termo “hostipitalidade” para se referir a indissociabilidade entre esses dois conceitos considerando que toda situação de acolhimento sempre traz o risco de algum tipo de violência.

3 Aproximações à hospitalidade

A hospitalidade, o encontro feliz entre visitante e anfitrião, em uma de suas definições correntes (Camargo, 2011), pode em muito se beneficiar dos estudos da História Cultural, na medida em que esta busca valorizar as manifestações coletivas (Vainfas, 2002). A abordagem da hospitalidade que privilegia quando ela é exercida de maneira gratuita, diferente da abordagem turística (Camargo), sai enriquecida quando se depara com as diversas situações de encontro entre hóspedes e anfitriões fartamente documentadas nos relatos dos viajantes. A abordagem histórica da hospitalidade foi considerada uma das principais áreas a merecer a atenção dos estudiosos, conforme apontaram os editores da influente revista “Hospitality & Society” em seu número de lançamento (Lynch et al. 2011). É bastante sugestivo que uma década depois, em um balanço da produção publicada na revista, os autores tenham indicado as narrativas de viagem como um campo ainda carente de pesquisas (Lynch et al. 2021). Nesse sentido, Minas Gerais é um espaço privilegiado no Brasil do século XIX, pois foi o lugar que mais recebeu estrangeiros no período, em um cenário que pode ser considerado como pré-turístico.

Mesmo que de forma muito embrionária e muito precária é possível notar a presença de espaços formais – albergues, hospedarias – para receber o viajante nas vilas mais populosas. Apesar de os relatos nem sempre informarem com precisão os lugares exatos onde os visitantes ficaram é inegável que eles desfrutaram principalmente de uma hospitalidade doméstica. Em outros termos, não foi nos albergues, hospedarias ou estalagens – lugares especializados para receber o visitante – que se criou a ideia de uma hospitalidade dos moradores de Minas, mas sim nas casas, ranchos e fazendas.

Nesses lugares havia sensíveis diferenças na recepção dada ao hóspede. A mais evidente delas era a que recebiam nas casas de ricos e de pobres. Como foi discutido ao longo do texto, a acolhida na casa de pessoas de posse pode indicar que aí pudessem receber estada mais confortável, ao passo que, na casa dos despossuídos, sofressem maiores privações. No entanto, a riqueza da experiência da viagem vivida por esses homens escapa a essas impressões mais evidentes. Os viajantes eram bem recebidos, mas somente depois que se identificavam e isso não deixa de constituir um tipo de hostilidade; não significa também que os anfitriões estivessem nessa recepção desprovidos de algum tipo de interesse, material inclusive. Ainda que os menos afortunados passassem por maiores dificuldades ao receberem os estrangeiros, era prestigioso para eles recepcionar o viajante de outro país. Esse sentimento também era compartilhado pelas pessoas mais abastadas que em muitas ocasiões ofereceram voluntariamente suas residências para acolher aqueles que vinham de fora. De todo modo, a hospitalidade, por mais genuína que fosse, nunca é um gesto desinteressado (Grassi, 2011).

O ser bem recebido, não significava, portanto, ausência de hostilidade. Considerar que os viajantes foram bem recepcionados é algo insuficiente para definir a passagem dos estrangeiros por Minas Gerais. O “sem número de obséquios”, como teve viajante que reclamou, não quer dizer necessariamente boa recepção e mostra que até mesmo para oferecer uma hospitalidade adequada existe limite. Houve hóspede que se mostrou incomodado com esse tipo de comportamento, evidenciando a tênue linha que divide hospitalidade e hostilidade e que os mineiros algumas vezes a ultrapassaram. Assim, é preciso ponderar a ideia de que Minas Gerais oferecesse aos viajantes o melhor tipo de hospitalidade. Os viajantes reclamaram abundantemente dos espaços formais de hospitalidade, enquanto que nos espaços domésticos, por mais que seus anfitriões se empenhassem em recebê-los, não foram raras as vezes em que os hóspedes questionassem o excesso de hospitalidade. Oferecer uma hospitalidade sufocante não significa necessariamente oferecer boa recepção.

É evidente que esse tipo de postura não invalida a hospitalidade dos moradores da Província que, via de regra, receberam bem os estrangeiros, conforme eles deixaram registrados. O bom tratamento dispensado aos viajantes que visitaram Minas Gerais no século XIX, ainda que generalizado, não era exatamente igual a todos, havia diferenças, mesmo que sutis.

Como foi referido no início do presente ensaio, o que se procurou aqui foi retratar alguns elementos – encontros, lugares, estranhamentos, rituais, excessos e hostilidades – que sobressaem quando se debruça na farta literatura de viagem do século XIX em Minas Gerais. É, ainda, uma abordagem não exaustiva, não esgota as possibilidades de análise dos relatos dos

viajantes; alguns aspectos, a exemplo da comensalidade – relevante para o tema da hospitalidade – foram deixados de lado e poderão ser abordados em momento oportuno.⁴

Ao se dar relevância nesse trabalho às situações de hospitalidade e hostilidade, buscou-se com isso ampliar o entendimento daquilo que se julga ser uma das características que os moradores de Minas Gerais têm por mais intrínseca.

Referências

- Agassiz, Louis e Agassiz, Elizabeth Cary (1975). *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Bunburry, Charles James Fox (1981). *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais: 1833-1835*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Burmeister, Hermann (1976). *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais: visando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Camargo, Luiz Octávio de Lima (2011). Apresentação à Edição Brasileira. O estudo da hospitalidade. In: Montandon, Alain. (Dir.) *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 13–32). Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac.
- Camargo, Luiz Octávio de Lima (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Castelnau, Francis Comte de (2000). *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (1789). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira (Volume 1: A - K)
- Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (1789). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. (Volume 2: L - Z)
- Eschwege, Wilhelm Ludwig von (1996). *Brasil, novo mundo*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Freyre, Georg Wilhelm (1982). *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Gardner, George (1975). *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Gennep, Arnold Van (2012). *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.*; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis: Vozes.

⁴ Para uma abordagem da comensalidade em sua dimensão alimentar, simbólica e cultural, ver o número recentemente publicado: Ferro, R. C., & Valduga, V. (2024). Dossiê: Gastronômias e Comensalidades – Debates contemporâneos. *Revista Hospitalidade*, 21, 350–352. <https://doi.org/10.29147/revhosp.v21.1225>

- Grassi, Marie-Claire (2011). Hospitalidade. Transpor a soleira. In: Montandon, Alain. (Dir.) O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas (pp. 45–53). Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac.
- Leite, Ilka Boaventura (1996). Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte, UFMG.
- Létoublon, Françoise (2011). Grécia Arcaica. Os deuses à mesa dos homens. In: Montandon, Alain. (Dir.) O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas (pp. 353–377). Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac
- Luccock, John (1975). Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Lynch, Paul & Germann Molz, Jennie & McIntosh, Alison & Lugosi, Peter & Lashley, Conrad. (2011). Theorizing hospitality. *Hospitality & Society*. 1(1)3-24, DOI: 10.1386/hosp.1.1.3_2.
- Lynch, P., McIntosh, A., Lugosi, P., Germann Molz, J. and Ong, C. E. (2021) Hospitality & Society: Critical reflections on the theorizing of hospitality. *Hospitality and Society*, 11(3), 293-331, DOI: 10.1386/hosp_00044_1.
- Mawe, John (1978). Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Menezes, José Newton Coelho (2017). Acolhendo Saint-Hilaire: a “polidez simples e afetuosa” do mineiro. In: Brusandin, Leandro Benedini. (Org.). Hospitalidade e dádiva. A alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba: Prisma.
- Passos, L. L. C. & Rejowski, M. (2022). Aproximações à hospitalidade em Cora Coralina. *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 14(2), 375-394. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i2p394>
- Perrot, Danielle (2011). Dádiva. Hospitalidade e reciprocidade. In: Montandon, Alain. (Dir.) O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac.
- Pitt-rivers, Julian (2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 2(1), p. 501-517. <https://doi.org/10.14318/hau2.1.022>
- Pohl, Johann Emanuel (1976). Viagem no interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Roussel, Claude (2011). A Idade Média. O caminho e o peregrino. In: Montandon, Alain. (Dir.) *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. xx–xx). Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1974). Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822. Trad. Ver. e Prefácio Vivaldi Moreira. Apresentação e Notas Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Suzannet, Conde de (1957). O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil.
- Vainfas, Ronaldo (2002). Os protagonistas anônimos da História: micro-história. Rio de Janeiro: Campus.

Wells, James (1995). Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão. Tradução de Myriam Ávila e introdução de Christopher Hill. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

SOBRE OS AUTORES

Gefferson R. Rodrigues

Contribuições: Conceituação, Análise formal, Investigação, Método / Metodologia, Redação do manuscrito original.

E-mail: gefferson.rodrigues@ufopa.edu.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7699-7298>

COMO CITAR

Rodrigues, G. F. (2025). A propósito da hospitalidade em Minas Gerais. *Revista Hospitalidade*, 22, e1253. <https://doi.org/10.29147/revhosp.v22.1253>